



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

Amores Loucos, não loucuras de amor

Rodrigo Almeida

No caso paradigmático do Presidente Schreber, Freud (1911/1996) formula uma proposição única para as formas de paranoia: “eu” (um homem) o amo (um homem). Diante da exigência de que as percepções internas sejam substituídas por percepções externas, essa proposição precisa ser contradita, daí surgem as principais formas de delírio na paranoia: delírios de perseguição, delírios de ciúme e a erotomania.

No sujeito erotômano, há uma percepção externa de ser amado. O outro do amor erotômano é, com frequência, um objeto afastado, um sujeito afastado, mas nunca indiferente; até as atitudes de repulsa são um sinal de amor. Schreber localiza isso na sua relação erotômana com Deus: Deus é o parceiro do delírio de Schreber, que o ama e dele quer gozar transformando-o em mulher. Uma “erotomania divina”, como nos diz Lacan (1955-56/2008). Trata-se de um Deus que fala dizendo nada e de forma incessante, com o qual Schreber mantém uma perpétua relação erótica e de ambiguidade.

Lacan afirma que o amor na psicose é um amor morto. A relação amorosa para o psicótico é possível onde este é abolido como sujeito, já que ela admite uma diferença radical do Outro absoluto, esse Outro que é enigma, que engana e que é impossível de dialetização, apresentando-se assim uma certa impossibilidade de o psicótico dar forma ao amor. O sujeito se vê, portanto, diante de um significante impossível de ser simbolizado. Mas o que ama o psicótico? A resposta de Freud é: o seu próprio delírio como a si próprio.

A erotomania divina de Schreber, a relação erótica com esse Deus abusador que fala sem dizer, era o que lhe permitia continuar existindo. “Ali onde a fala está ausente, ali se situa o Eros do psicotizado, é ali que ele encontra seu supremo amor” (LACAN, 1955-56/2008, p. 297).

Em Schreber, a erotomania seria uma resposta que permite o amor como solução estabilizadora, ou seja, retrocedida ao infinito, algo que regula sua relação com Deus. Poderíamos, com Lacan, tomar a erotomania como um ponto paradigmático para as novas parcerias que encontramos na clínica hoje? Na falência do Outro que se generaliza, o amor ainda pode ser, mesmo “louco”, o que torna possível o laço?

Referências Bibliográficas

FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. In: FREUD, S. *O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.15-92. (Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII).

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-56)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.